

## A máquina do privilégio: o protagonismo de cantoras brancas no Carnaval 2021

MARIANA CARVALHO\*

**Resumo:** Este artigo propõe uma breve reflexão sobre privilégio branco a partir de um episódio ocorrido no Carnaval de 2021, quando a cantora Margareth Menezes comunicou que não iria realizar sua *live* de carnaval por falta de patrocínio, enquanto Daniela Mercury, Claudia Leitte e Ivete Sangalo tiveram seu espaço garantido na folia virtual. Assim, ressalto que mesmo depois de tantas discussões sobre racismo e antirracismo nas redes sociais, ocorridas no último ano, o protagonismo permanece o mesmo. Para isso, relaciono o episódio citado a outros eventos, no intuito de expor a perspectiva das artistas, pensando como o lugar que elas ocupam - enquanto mulheres brancas - interfere na sua produção artística. Por fim, aproveito a atual e oportuna explicação de Margareth Menezes sobre a "máquina do privilégio", para localizar a narrativa da branquitude e questionar os estereótipos da mulher branca como padrão estético e ideal feminino no gênero *Axé music*.

**Palavras-chave:** branquitude; privilégio branco; Daniela Mercury; Claudia Leitte; Ivete Sangalo; Margareth Menezes.

### The privilege machine: the leading role of white singers in Carnival 2021

**Abstract:** This article invites a brief reflection on the white privilege starting from an episode that took place at the 2021 Carnival. In that occasion, the singer Margareth Menezes announced that she would not perform her Carnival live due to lack of sponsorship, while Daniela Mercury, Claudia Leitte and Ivete Sangalo had their space guaranteed in the virtual festival. Thus, I try to demonstrate that even after so much discussions has taken place last year about racism and anti-racism on social platforms, the protagonism remains the same. For this purpose, I correlate the episode mentioned to other events, considering that the place they occupy It interferes with their artistic production. Finally, I like to offer a current and opportune Margareth Menezes's explanation of the "privilege machine", to locate the narrative of whiteness and question the stereotypes of white women as an aesthetic standard and female ideal in the *Axé* music genre.

**Key words:** whiteness; white privilege; Daniela Mercury; Claudia Leitte; Ivete Sangalo; Margareth Menezes.



\* MARIANA CARVALHO é doutoranda em Antropologia (UFMG), Mestra em Música (UFMG) e graduada em Antropologia (UFMG).

## Introdução

Apesar do Carnaval de 2021 ter sido cancelado por causa da pandemia, houve uma folia virtual. Na sexta-feira, dia 12 de fevereiro, primeiro dia da festa, Daniela Mercury realizou o “Carnaval Virtual da Rainha”, transmitido em suas redes sociais, e contou com a participação de Margareth Menezes (UOL, 2021). Já Ivete Sangalo e Claudia Leitte se uniram para uma *live* de carnaval no dia seguinte, 13 de fevereiro, que foi transmitida pelo canal “Multishow”<sup>1</sup>, e também através dos canais das artistas no YouTube e Instagram<sup>2</sup>.

Enquanto isso, a cantora Margareth Menezes, que foi uma das primeiras a dar voz à “Faraó – Divindade do Egito”, considerado o primeiro samba-reggae da história, hit do Carnaval de Salvador de 1987 (GUMES, ARGÔLO; 2020), só conseguiu realizar a sua *live* de carnaval depois que declarou em suas redes sociais que não faria a apresentação por falta de patrocínio (REIF, 2021).

A cantora baiana Margareth Menezes fará *live* de Carnaval na quarta-feira de cinzas (17), chamada “Baile da Maga”, que será transmitida pelo Multishow, às 18h30. A artista denunciou via redes sociais a falta de apoio financeiro para as apresentações virtuais neste Carnaval. Em contrapartida, artistas como Daniela Mercury, Ivete Sangalo e Claudia Leitte receberam imediatamente convites de marcas para a realização de shows online. O

episódio de Margareth Menezes enquadra-se no descaso que diversos artistas negros estão submetidos, situação intensificada durante a pandemia de Covid-19. Internautas vêm denunciando a situação. (...) O questionamento que fica é o mesmo que a Taís Araújo fez a Ivete Sangalo durante uma *live* no ano passado: “Por que Margareth não é tão gigante quanto você, Ivete?” (HENRIQUE, 2021).

Margareth Menezes postou em suas redes um vídeo em que o *influencer* Ismael Carvalho criticou a falta de apoio e patrocínio para que ela realizasse sua *live* de carnaval. O vídeo foi postado em 09 de fevereiro de 2021 em seu Instagram<sup>3</sup>, sob o título “Como vai ser o carnaval deles?”. Ele aponta que enquanto artistas negros não tinham patrocínio, os mesmos artistas brancos continuam sendo os que mais lucram no Carnaval, “mesmo depois de um ano em que afirmamos termos avançado em pautas como essa”. O *influencer* também questiona como os artistas negros, suas famílias, bandas e equipe estão vivendo nesse período, quando as *lives* tem sido a única forma de renda para muitos deles.

Ismael Carvalho já havia publicado o vídeo “Desigualdade Racial na Música Baiana”<sup>4</sup>, no qual comenta um episódio envolvendo Ivete Sangalo, Taís Araújo e Margareth Menezes – episódio que será abordado em seguida. Além disso, ele realizou uma *live* com a própria Margareth, em 09 de julho de 2020, um pouco depois do nome da cantora ter viralizado nas redes por conta da *live* de

<sup>1</sup> Instagram Ivete Sangalo, 05/02/21. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CK7YXAeHn9Z/>. Acesso em 29/07/21.

<sup>2</sup> Instagram Ivete Sangalo, 02/02/21. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CKzCui3H0ux/>. Acesso em 29/07/21.

<sup>3</sup> Instagram Ismael Carvalho, 09/02/21. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CLFkSnQHOGi/>. Acesso em 07/03/21.

<sup>4</sup> Instagram Ismael Carvalho, 29/06/20. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CCCPwlllCS1/>. Acesso em 07/03/21.

Ivete e Taís. O bate papo teve a proposta de debater os desafios de uma mulher preta na música brasileira<sup>5</sup>, e ao longo do encontro, Margareth reforçou que sempre houve um sistema de invisibilização dos artistas negros. Assim, no Carnaval de 2021, o *influencer* retomou os debates de 2020 sobre questões raciais, questionando se a cantora Margareth Menezes e outros artistas negros foram convocados pela mídia para falar a respeito do racismo no ano passado, apenas para cumprir uma agenda antirracista, porque o tema estava nos *trends*.

"Artistas brancos, marcas, público, ensaiaram, performaram uma mudança de pensamento e posicionamento. Mas e agora, na hora de mostrarem uma atitude, o resultado de tudo isso?"<sup>6</sup>. O *influencer* critica a postura de artistas brancos que, no ano passado disseram estar comovidos com a situação, mas não fizeram nada a respeito, se eximindo do poder e influência que detêm, reforçando que apenas cantar as músicas de artistas negros não adianta.

"Cadê as marcas que postaram tela preta no Instagram, *#blacklivesmatter*? A *live* desse fim de semana (ele se referia à *live* de Ivete e Claudia) tem cerca de 15 apoiadores, patrocinadores. Nada para os artistas negros da Bahia? Nada?"<sup>7</sup>. Depois da realização da sua *live*, em 17 de fevereiro de 2021, Margareth agradeceu a Ismael pela iniciativa:

<sup>5</sup> Instagram Ismael Carvalho, 09/07/20.

Disponível em

<<https://www.instagram.com/p/CCcTKbFFQrm>

>. Acesso em 07/03/21.

<sup>6</sup> Instagram Ismael Carvalho, 09/02/21.

Disponível em

<<https://www.instagram.com/p/CLFkSnQHOGi>

>. Acesso em 07/03/21.

<sup>7</sup> Instagram Ismael Carvalho, 09/02/21.

Disponível em

<<https://www.instagram.com/p/CLFkSnQHOGi>

>. Acesso em 07/03/21.

"Obrigada por tantas palavras boas e por sua sincera indignação que me fez repostar seu post e geramos um grito. Eu não sei explicar, só sei que o pessoal da @multishow abrir uma super pauta pra nós"<sup>8</sup>.

### O que o silêncio oculta?

No dia 11 de junho de 2020, Ivete Sangalo realizou uma *live*<sup>9</sup> em seu Instagram, e recebeu como convidada a atriz Taís Araújo; a cantora propôs um bate-papo sobre racismo. Desde meados de 2020 este tem sido um tema recorrente nas redes sociais, em decorrência da violência racial. No início da transmissão, Ivete explica sua intenção ao convidar Taís, comentando que queria escutá-la falar sobre racismo e assim aprender com ela. Ivete ressalta seu constrangimento por nunca ter feito isso, e que a sua proposta era poder compartilhar esse momento de aprendizado com o público.

Foi preciso uma onda de protestos antirracistas nos Estados Unidos para despertar parte da sociedade branca que fecha os olhos diante da violência policial, se acostumou a banalizar o genocídio de jovens negros nas favelas ou a ser complacente com a ausência de representatividade em posições de destaque no Brasil (BREILLER, 2020).

Em meio a uma reflexão sobre os desafios que enfrenta na própria profissão enquanto uma mulher negra, Taís perguntou para Ivete: "Por que Margareth não é tão gigante quanto

<sup>8</sup> Instagram Ismael Carvalho, 17/02/21.

Disponível em

<<https://www.instagram.com/p/CLaIXTSI-IU/>>.

Acesso em 06/03/21.

<sup>9</sup> "Live Ivete Sangalo e Taís Araújo sobre Racismo". Disponível em

<[https://www.youtube.com/watch?v=Py1AT-](https://www.youtube.com/watch?v=Py1AT-1V82Q)

[1V82Q](https://www.youtube.com/watch?v=Py1AT-1V82Q)>. Acesso em 07/03/21.

ocê?"<sup>10</sup>. Não só a importante elucidação feita pela atriz ficou sem comentário, como sua pergunta ficou sem resposta - ao menos da própria cantora. Entre evasivas e silêncios, visivelmente incomodada, Ivete respondeu que "é, eu sinto a mesma coisa... Taís... é um absurdo, uma loucura. É uma determinação, quase que é, quase não... Totalmente intencional". Em seguida, a anfitriã conduziu a conversa para outro assunto, como num esforço de permanecer neutra e invisível, tirando o foco de si mesma. E a principal razão para essa distância entre ser branco e ser racializado é a ideologia da superioridade branca (PIZA, 2000).

A evasão do debate e o silêncio sobre sua própria carreira e trajetória como cantora branca baiana, que alcançou fama como representante de um gênero musical vinculado ao povo negro, o gênero *Axé Music*, "um estilo mestiço", "encontro da música dos blocos de trio com a música dos blocos afro (frevo baiano + samba-reggae)" (GUERREIRO, 2000, p.133) causa estranheza, já que foi ela que propôs a conversa e convidou Taís Araújo. O episódio pode parecer uma tremenda incoerência, já que Ivete promoveu uma *live* para a qual não parecia estar preparada, porque não soube se posicionar - ou simplesmente não quis responder.

Mas neutralidade, omissão e evasão são simples características da branquitude. "Assim, quando destacamos que branquitude é território do silêncio, da

negação, da interdição, da neutralidade, do medo, do privilégio, enfatizamos que trata-se de uma dimensão ideológica, no sentido mais pleno da ideologia" (BENTO, 2002, p.167). O episódio mostra que Ivete estava disposta a ouvir sobre o racismo - embora tenha interrompido a atriz o tempo todo - mas não a falar sobre o seu privilégio. Neste caso específico, a cantora constrói a sua neutralidade, inviabilizando o diálogo sobre si mesma, e invisibilizando ainda mais sua própria racialidade; Ivete se negou a responder sua interlocutora, e a falar sobre sua experiência profissional. Mas entender a divisão racial e sexual do trabalho (GONZALEZ, 2020; CARNEIRO, 2019; BENTO, 2002) é fundamental para pensar a reprodução dos lugares de poder na nossa sociedade.

O protagonismo na luta contra o racismo é negro (CARREIRA, 2018), mas a discriminação racial é um processo indiscutivelmente relacional, onde os sujeitos brancos estão necessariamente implicados. O racismo é "um problema *branco* estrutural e institucional que pessoas negras experienciam" (KILOMBA, 2019, p.204, grifos da autora). Esse problema branco desumaniza, nega "a dignidade a pessoas e a grupos sociais com base na cor da pele, no cabelo, em outras características físicas ou da origem regional ou cultural" (CARREIRA, 2018, p.128).

Privilégio é o outro lado dessa opressão, e é o que pessoas brancas têm em nossa sociedade simplesmente por serem brancas. Por que então a identidade racial branca é invisibilizada, e "fomos educadas e educados para não nos reconhecermos como pessoas brancas, mas como seres humanos que representam a universalidade humana descorporificada, o padrão, a norma

---

<sup>10</sup> A fala de Taís Araújo, que antecede a pergunta que viralizou nas redes sociais, encontra-se no trecho 18m00s - 21m32s. "Live Ivete Sangalo e Taís Araújo sobre Racismo". Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Py1AT-1V82Q>>. Acesso em 07/03/21.

como lugar de poder" (CARREIRA, 2018, p.134)? De acordo com Bento, "evitar focalizar o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio" (BENTO, 2002, p.28).

### A gente pode tudo

A branquitude pode até reconhecer, mas não associa necessariamente as desigualdades raciais à discriminação. "Tudo é atribuído a um passado escravo, ou seja, é legado inexorável e hermético de uma história na qual os brancos parecem ter estado ausentes" (BENTO, 2002, p.28). Então, embora não leve em conta o próprio legado quando o assunto é o passado escravocrata do nosso país - evitando falar do lugar ocupado por ela - a branquitude curiosamente explica a desigualdade remetendo ao legado da população negra. Ao não se reconhecer como participante ativo dessa história, o branco não se vê obrigado a assumir a herança do seu grupo; se calar é, portanto, uma forma de se proteger e se isentar. "Então, é importante, tanto simbólica como concretamente, para os brancos, silenciarem em torno do papel que ocuparam e ocupam na situação de desigualdades raciais no Brasil" (BENTO, 2002, p.29).

Nas mais diversas áreas, a branquitude tende a explicar o próprio sucesso profissional recorrendo ao discurso da meritocracia (BENTO, 2019) - "mas a verdade é que, desde o início, os brancos têm conseguido empregos porque são brancos" (ADICHIE, 2014, p.390). A afirmação do próprio mérito é recorrente no discurso das cantoras de axé; no documentário "Axé, canto do povo de um lugar" (2017), de Chico Kertész, Daniela Mercury explica que foi a partir do sucesso da música "O Canto da cidade" - "a cor dessa cidade sou eu, o canto dessa cidade é meu" - que ela se tornou uma artista

internacional. Composta por Tote Gira, que concedeu a parceria para a cantora quando ela foi gravar, por conta de alterações que ela precisava fazer na letra, "O Canto da cidade" foi lançada no álbum homônimo de 1992, e segundo a cantora foi seu "abre-alas"<sup>11</sup>.

Sovik (2009) busca evidenciar, através dos discursos midiáticos e da música popular, os silêncios e a invisibilidade da branquitude brasileira. Para a pesquisadora, as relações raciais são tradicionalmente representadas em nosso país pela invisibilização do branco no discurso público e pela valorização da mestiçagem, e é assim que o Brasil é reconhecido internacionalmente: como o país onde ninguém é branco. Assim, por conta da negação que lhe é característica - e da debandada geral que lhe é conveniente - a branquitude "precisa ser flagrada no contexto de discursos que aparentemente pouco tem a ver com ela: o do afeto inter-racial, o da identificação com o popular e o da grande família brasileira" (SOVIK, 2009, p.16).

Pensar as diversas posturas sobre raça que se encontram na música popular colabora para desvelar as relações raciais, dinâmicas que se perpetuam e são naturalizadas, enquanto o branco continua ocupando lugares de poder (SOVIK, 2009). Sovik (2009) também problematiza alguns artistas brancos que afirmam ter relações especiais com a negritude, como Daniela Mercury, Gabriel O Pensador e Marcelo Yuka, pensando como eles produzem alternativas de identificação branca para o público, e quais os discursos que assumem, tanto em suas músicas,

<sup>11</sup> "Daniela Mercury O canto da cidade Por trás da Canção", 11/05/15. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cDPMOyOVjA>>. Acesso em 10/04/21.

quanto em suas posturas diante da mídia, para ter essas narrativas legitimadas.

Explicando o seu sucesso no documentário citado, Daniela enumera os shows e o empenho despendido em suas produções, atribuindo o êxito profissional ao seu esforço. "Então não é porque eu sou iluminada, porque eu tenha coisa divina. É porque eu trabalho." Esse discurso também predomina em suas redes sociais; exemplo disso é a postagem de Daniela Mercury sobre a sua apresentação na Virada Cultural de Belo Horizonte (MG) em 2019, onde recomenda aos fãs: "Para realizar nosso sonho pessoal e coletivo precisamos trabalhar. Não fique paralisado diante da aparente dificuldade. Quando a gente trabalha tem retorno do esforço"<sup>12</sup>.

As negras, em especial, com os menores salários e taxa de desemprego duas vezes maior que a dos homens brancos, são as principais prejudicadas, trabalhando em ocupações com menor proteção social, sem carteira, como terceirizadas ou no emprego doméstico (BENTO, 2019).

Claudia Leitte também assume a narrativa de que é o esforço que promove o triunfo; em suas redes, ela explica que "às vezes o sonho parece que não vai se tornar real, é questionado... mas, é que há tempo pra tudo debaixo do céu. Vale perseverar! Vale muito!"<sup>13</sup>. Ela inclusive exaltou a força feminina no carnaval de 2020,

homenageando mulheres que rompem barreiras e são exemplos para ela. Essa homenagem foi registrada e transformada na minissérie "Carnaval Claudia Leitte: *We can do it* - Uma minissérie de Claudia Leitte para todas as mulheres", lançada no dia 15 de março de 2021 em seu canal do Youtube<sup>14</sup>, com o tema "O que a gente pode? A gente pode tudo".

A minissérie mostra cenas dos bastidores do carnaval do ano passado, traz informações, histórias das mulheres que inspiraram a cantora nas fantasias, além de depoimentos de profissionais que trabalham com a artista e declaram como ela é batalhadora e determinada, exaltando suas lutas e vitórias. Cláudia revela os inúmeros desafios de ser mulher e ter que dar conta de cuidar da casa, dos filhos e da carreira, mas festeja a vitória das mulheres por terem conquistado o direito de trabalhar. Ela confessa os desafios para realizar a maratona do carnaval, conciliando os shows com a gravidez em 2019 e o pós-parto em 2020, e enfrentando o grande desafio de fazer três shows no mesmo dia.

Ao homenagear as mulheres da Guarda Civil, Claudia ainda explicou que "queria que outras mulheres acreditassem que existe um lugar pra elas, só pra elas. Que não pode ser substituído ou ocupado por homem nenhum"<sup>15</sup>. Assim, ela festejou a conquista das mulheres ao ocupar espaços antes dominados pelos homens, refletindo sobre a relação da mulher

<sup>12</sup> Facebook Daniela Mercury, 21/07/19. Disponível em <https://www.facebook.com/photo?fbid=10157331297409801&set=a.91563559800>. Acesso em 03/03/21.

<sup>13</sup> Instagram Claudia Leitte, 24/03/21. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CM0Njpi0aE/>. Acesso em 04/04/21.

<sup>14</sup> "Carnaval Claudia Leitte: *We Can Do It* (Temp. 1), 15/03/21. Disponível em [https://www.youtube.com/playlist?list=PL5\\_GHXvzMqwaphVDMaAhcHaupAdQN16PS](https://www.youtube.com/playlist?list=PL5_GHXvzMqwaphVDMaAhcHaupAdQN16PS). Acesso em 04/04/21.

<sup>15</sup> Instagram Claudia Leitte, 19/03/21. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CMmmJFC1vWY/>. Acesso em 04/04/2021.

com o mercado de trabalho. Ela se fantasiou de *Rosie*, "um símbolo do feminismo" norte-americano<sup>16</sup>, que para Claudia representa a força física e o trabalho. No segundo episódio<sup>17</sup>, a jornalista Débora Dutra ainda explicou que as mulheres conseguiram conquistar o direito ao trabalho em 1940, e só então a mulher moderna pôde começar a ocupar espaços que antes não eram permitidos para ela.

### E o que a gente pode?

A categoria mulher na minissérie de Claudia Leite equivale à mulher branca, embora isso fique implícito. A narrativa da cantora foi a luta contra o machismo, não há nenhuma menção à categoria raça, e ao longo dos seis episódios, ela ignora que "há décadas a mulher negra vem sendo apontada como aquela que experimenta a maior precariedade no mercado de trabalho brasileiro" (BENTO, 1995, p.479). Ao ignorar as interseccionalidades, Cláudia dá a entender que a mulher branca é a mulher universal - o que pode até parecer uma incoerência, mas é só a perspectiva da branquitude.

A perspectiva da cantora é justamente o que o Feminismo Negro e os Estudos Críticos da Branquitude vêm debatendo e questionando, e resume a branquitude feminina de modo exemplar: a categoria "mulher" equivale à mulher branca, como se representássemos a mulher universal; e a luta das mulheres é contra o machismo - como se essa fosse a "verdadeira" opressão feminina. Nós

lutamos para nos igualar ao homem. Qual homem? Esta é uma narrativa padrão da branquitude porque essas informações ficam subentendidas - são os pressupostos de que o homem branco e a mulher branca representam a humanidade sem que isso seja dito explicitamente, porque essa é a norma.

Mas como pontuei, não é só Claudia Leite que ignora o sistema de invisibilização das mulheres negras no mercado de trabalho e na luta feminista - a branquitude tem feito isso. Até o discurso sindical normalmente relativiza a influência da categoria raça na distribuição das oportunidades econômicas, "omitindo 350 anos de luta e trabalho, tempo em que o principal produtor de riquezas no país era o trabalhador negro" (BENTO, 2000, p.333). O movimento sindical tende a contar a história do trabalho em nosso país só a partir do trabalho dos imigrantes europeus, em 1900 (BENTO, 2000).

Considerados bons para o trabalho escravo e ruins para o trabalho livre (GONZALEZ, 2020), o trabalhador negro e a trabalhadora negra foram excluídos do processo competitivo até 1930, o que os manteve em uma situação de desigualdade e inferiorização no mercado de trabalho desde maio de 1888. E foi o racismo que viabilizou essa exclusão e falta de oportunidades, racismo que foi aprimorado ao passar "por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravatura, na medida em que beneficiou e beneficia determinados interesses" (GONZALEZ, 2020, p.185). "As ofertas de emprego no mercado de trabalho continuaram restringindo a participação da mulher negra, e esta via-se obrigada a trabalhar como mucama, ama-de-leite, dama de companhia, ou então prostituindo-se, aproveitando-se

<sup>16</sup> Instagram Claudia Leite, 12/03/21.

Disponível em

<<https://www.instagram.com/p/CMVh7ITFamV/>>. Acesso em 04/04/2021.

<sup>17</sup> "Carnaval Claudia Leite: *We Can Do It*

(Temp. 1), 15/03/21. Disponível em

<[https://www.youtube.com/playlist?list=PL5\\_GHXvzMqwaphVDMaAhcHaupAdQN16PS](https://www.youtube.com/playlist?list=PL5_GHXvzMqwaphVDMaAhcHaupAdQN16PS)>.

Acesso em 04/04/21.

de sua disseminada fama de "boa de cama" (CARNEIRO, 2020, p.156-157).

A distribuição de renda constitui um dos aspectos da desigualdade no Brasil, e "não é casual, portanto, o fato de a força de trabalho negra permanecer confinada nos empregos de menor qualificação e pior remuneração" (GONZALEZ, 2020, p.96). Além disso, é importante ressaltar que no Brasil "a divisão racial do trabalho opera de maneira muito mais contundente, em termos de prejuízo para a população negra, do que a divisão sexual do trabalho contra o setor feminino" (GONZALEZ, 2020, p.64). Daí, a distância entre a renda de brancas e negras é muito maior do que entre homens e mulheres, o que reforça ainda mais a situação da mulher negra e seu lugar na força de trabalho; ela trabalha mais e ganha menos que a trabalhadora branca.

No livro "Eu, empregada doméstica - a senzala moderna é o quartinho da empregada" (2019), a rapper e historiadora Preta Rara, como Joyce Fernandes é conhecida, traz relatos inéditos de trabalhadoras domésticas do nosso país, denunciando episódios de opressão e racismo. Preta Rara pensava que escaparia do trabalho doméstico, que ela afirma ser hereditário para mulheres pretas no Brasil – sua avó e sua mãe foram empregadas domésticas. Ela fez curso profissionalizante e planejou outro destino; no entanto, depois de passar pela saga de entregar currículos e não obter retorno - e receber o conselho de que num país racista a população negra deve enviar o currículo sem foto - o emprego doméstico era o único serviço que aparecia para ela, que foi trabalhar em casa de família por falta de opção (PRETA-RARA, 2019).

Este exemplo é corroborado por Bento (1995), ao enfatizar que os dados evidenciam que o trabalho doméstico e o trabalho manual são comumente os lugares destinados à mulher negra. Ainda assim, ela é discriminada nessa função, mesmo que os patrões da "tradicional família brasileira" insistam na típica fala de que a trabalhadora doméstica é "como se fosse da família" (PRETA-RARA, 2019). "O segmento negro da população é o mais discriminado do mercado de trabalho brasileiro" (BENTO, 2002, p.1), e a questão da boa aparência é um dos problemas mais sérios que atinge a trabalhadora negra (BENTO, 1995); "boa aparência", como vemos nos anúncios de emprego, é uma categoria "branca", unicamente atribuível a "brancas" e "clarinhas" (GONZALEZ, 2020, p.83), "que mantém as desigualdades e os privilégios entre mulheres brancas e negras" (CARNEIRO, 2020, p.171).

### **Considerações finais**

Em uma sociedade racista como a brasileira (BENTO, 2002; CARNEIRO, 2020; GONZALEZ, 2020), brancos obtêm privilégio devido ao racismo, essa "realidade violenta" (KILOMBA, 2019) que promove o extermínio de pessoas motivado por diferenças raciais. Ainda que brancos também não concordem com as hierarquias raciais vigentes - assim como eu, uma mulher branca cisgênero bissexual, não concordo - mesmo assim nos beneficiamos dessas hierarquias, desfrutando o privilégio simbólico da brancura até mesmo em situação de pobreza (BENTO, 2002).

No fim das contas, quem respondeu a pergunta que Taís Araújo fez à Ivete Sangalo foi a própria Margareth Menezes: "Há uma "máquina do privilégio" que favorece artistas

brancos". A explicação de Margareth é uma resposta direta à replicação da pergunta original, numa entrevista concedida ao canal do Youtube "Papo de música"<sup>18</sup>, disponível desde 28 de julho de 2020, logo, em torno de um mês após a *live*. Ao contrário de Ivete, Margareth é direta: "É o sistema que nos invisibiliza. É a máquina do privilégio. (...) A própria mídia, a própria TV impôs muito isso, a normatização da beleza".

Assim, se a reflexão da própria Margareth Menezes, e a sua oportuna explicação sobre a "máquina do privilégio", indicam como a branquitude não está acostumada a questionar a noção de racialidade a respeito de si, ou a reconhecer os privilégios que tem, a experiência do Carnaval de 2021 só reforçou a atualidade do tema. Daí, é interessante enfatizar que "a invisibilidade e o silêncio parecem ser condição *sine qua non* para a manutenção do pacto narcísico" (BENTO, 2002, p. 109).

Afinal, quanto mais encoberta, mais a branquitude naturaliza seus privilégios; por isso, permanecer calada acerca de si é uma das estratégias da branquitude para a manutenção do poder. "Ou seja, se tencionamos compreender um discurso, devemos perguntar sistematicamente o que ele "cala". O silêncio não é transparente. Ele é tão ambíguo quanto as palavras." (BENTO, 2002, p.167).

Pouco depois da live com Ivete e Tais, que viralizou nas redes sociais, Margareth Menezes participou do programa "Conversa Preta" da TV

Bahia<sup>19</sup>, apresentado por Aldri Anunciação e Georgina Maynard, com o tema "Os desafios e barreiras do racismo na trajetória profissional do negro e da negra", na tarde de 15 de agosto de 2020. Junto com Carla Akotirene e Fabrício Boliveira, profissionais de diversas áreas relataram como é enfrentar o racismo estrutural para ocupar os cargos de destaque, e como a violência do racismo cotidiano tem de ser evidenciada para ser combatida. Eles também denunciaram que negros ganham 58% menos que brancos em Salvador, o que já era apontado por Lélia Gonzalez (2020).

Carneiro (2020) enfatiza o "caráter devastador" do conjunto de práticas discriminatórias, "que vão desde as restrições sofridas no mercado de trabalho aos estereótipos negativos que estigmatizam de maneira especial as mulheres negras" (CARNEIRO, 2020, p.54). Margareth Menezes explicou no programa que continua sendo a sua própria patrocinadora. "Teve um momento em que eu tive que criar o meu selo, "Estrela do Mar", em 2005. As coisas que eu produzi, o dinheiro que eu produzi durante a minha vida, eu investi em mim mesma. Porque eu nunca tive um grande empresário que veio botar dinheiro na minha carreira"<sup>20</sup>.

Margareth confirmou no programa que chegou a não ter espaço no próprio carnaval da capital baiana, ainda que tenha seu trabalho reconhecido em vários lugares, dentro e fora do Brasil; depois de ficar de fora da folia, ela conseguiu lançar o Baile dos

<sup>18</sup> "Margareth Menezes, música, afro pop baianidade e visibilidade racial", 28/07/2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NLDaiYMD0D8>. Acesso em 16/08/2020.

<sup>19</sup> Programa "Conversa Preta", 15/07/2020. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8779618/programa/>. Acesso em 17/08/2020.

<sup>20</sup> Programa "Conversa Preta", 15/07/2020. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8779618/programa/>. Acesso em 17/08/2020.

Mascarados, que sai na quinta-feira pré-carnaval. "Participar do Carnaval é condição necessária para fazer parte do circuito afetivo e econômico da capital baiana" (GUMES, ARGÔLO; 2020, p.221).

Portanto, o discurso da meritocracia em um país tão desigual como o nosso, com um processo histórico que resultou em pontos de partida extremamente desproporcionais (BENTO, 2019), é o indício de um pacto. "O mercado de trabalho não reconhece de forma semelhante o grau de instrução atingido pelos diferentes grupos. Ou seja, contrariando o previsto, a instrução não exime negros e negras de discriminações e desigualdades nas relações de trabalho" (BENTO, 1995, p.481).

Pensar essa dinâmica na música não só escancara o privilégio branco, como permite um maior questionamento dos estereótipos da mulher branca como "padrão estético e ideal feminino" (CARNEIRO, 2010, p.52). Assim, a proposta aqui foi evidenciar que o modo branco de ver o mundo (BENTO, 2002) perpassa também a produção artística, influenciando a narrativa das cantoras brancas, que é marcada por uma espantosa incoerência – incoerência esta que parece ser mais uma característica da branquitude.

#### referências

- ADICHIE, C. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BENTO, M. A. S. A mulher negra no mercado de trabalho. **Estudos Feministas**, nº2, ano 3, p.479-488, 1995.
- BENTO, M. A. S. Racismo no Trabalho: o movimento sindical e o Estado. In: HUNTLEY, L. e GUIMARÃES, A. S. A. (org.). **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, p. 325-342, 2000.
- BENTO, M. A. S. **Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. 169f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, São Paulo, 2002.
- CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- CARREIRA, D. O Lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista. **SUR 28 - Revista Internacional de Direitos Humanos**, v.15, n.28, 127 - 137, 2018
- GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. (Org. RIOS, F. e LIMA, M.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GUERREIRO, G. **A trama dos tambores: a música afro-pop de Salvador**. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- GUMES, N. V.; ARGÔLO, M. A cor dessa cidade sou eu: ativismo musical no projeto Aya Bass. **Dossiê A Música e suas Determinações Materiais – Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 1, p.219-238, 2020.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- PIZA, E. Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu... In: (Org.) HUNTLEY, L. e GUIMARÃES, A. S. A. **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, p. 97-155, 2000.
- PRETA-R. **Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- SOVIK, L. **Aqui Ninguém é Branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- Jornais e revistas**
- BENTO, C. Discurso da meritocracia ignora 'bolha branca' e discriminação no mercado de trabalho. **Folha de São Paulo**. 31/10/19. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/cida-bento/2019/10/discurso-da-meritocracia-ignora-bolha-branca-e-discriminacao-no-mercado-de-trabalho.shtml?origin=folha>>. Acesso em 06/03/21.
- BREILLER, P. 'Vidas negras importam' chacoalha brasileiros entorpecidos pela rotina de violência racista. **El País**. 07/06/20. Disponível

em <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/vidas-negras-importam-chacoalha-parcela-de-brasileiros-entorpecida-pela-rotina-de-violencia-racista.html>>. Acesso em 28/04/20.

HENRIQUE, V. Após denunciar a falta de patrocínios, Margareth Menezes fará o “Baile da Maga” na quarta-feira de cinzas. **Notícia Preta**. 15/02/21. Disponível em <<https://noticiapreta.com.br/apos-denunciar-a-falta-de-patrocínios-margareth-menezes-fara-o-baile-da-maga-na-quarta-feira-de-cinzas/>>. Acesso em 18/02/21.

REIF, L. Após revelar falta de patrocínio, Margareth Menezes faz live no Carnaval da Bahia. **Marie Claire**. 14/02/21. Disponível em

<<https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2021/02/apos-revelar-falta-de-patrocínio-margareth-menezes-faz-live-no-carnaval-da-bahia.html>>. Acesso em 20/02/21.

UOL. Margareth Menezes realiza live de carnaval na quarta de cinzas. **Uol**. 16/02/21. Disponível em <<https://atarde.uol.com.br/cultura/musica/noticias/2158106-margareth-menezes-realiza-live-de-carnaval-na-quarta-de-cinzas/>>. Acesso em 18/03/21.

Recebido em 2021-07-30  
Publicado em 2022-04-01